

GEOGRAFIA, LITERATURA E ARTE: SENSIBILIDADES GEOARTELITERÁRIAS

GEOGRAPHY, LITERATURE AND ART: GEOARTELITERARY SENSITIVITIES

Júlio César Suzuki¹
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

A Geografia, praticamente desde os seus primórdios como conhecimento científico, começou a construir mediações com a Literatura. É o que se pode ver, a partir de meados do século XIX, em debates de Alexander Von Humboldt presentes em *Cosmos* (BROSSEAU, 1996), cuja publicação se deu entre 1845 e 1858 (ÁNGEL PUIG-SAMPER; REBOK, 2003).

Ingleses, franceses e norte-americanos, na primeira metade do século XX, não só se valem da Literatura como fonte para a reflexão geográfica, mas afirmam a pertinência de sua utilização, como ocorre com Paul Vidal de la Blache, H. R. Mill e J. K. Wright. Não é, então, a Literatura somente como fonte, mas a discussão de sua importância como manancial das reflexões geográficas; sendo que, sob a influência da Geografia Humanista, a multiplicação de análises geoliterárias se estabelece definitivamente, principalmente desde os anos 1970, em que diversos autores, textos e temas vão se consolidando entre os geógrafos (BROSSEAU, 1996).

Com Pierre Monbeig (1940), os debates de uso da Literatura para a reflexão geográfica começam a se delinear.

Fernando Segismundo, em 1949, na sessão de comentários do Boletim Geográfico, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, fez uma importante defesa de produções literárias, nacionais e internacionais, como sendo também geográficas.

Em 1961, a publicação de *Geografia Literária*, de Mauro Mota, um pequeno texto muito instigante, anuncia a busca pelo aprofundamento da relação entre Geografia e Literatura.

No entanto, um dos marcos mais significativos das mediações criadas entre Geografia e Literatura é a dissertação de Mestrado de Solange Terezinha de Lima

¹ Doutor em Geografia Humana (USP). Professor junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Pesquisador Associado da Biblioteca Brasileira Mindlin. E-mail: jcsuzuki@usp.br.

Ferreira, em 1990, cujos marcos teóricos e metodológicos dialogavam com a Geografia Humanista.

Mas é nos últimos dez anos que se proliferam as empreitadas de busca pelo aprofundamento da relação entre Geografia e Literatura, quando, também, novas incursões são realizadas para tratar de música, pintura, dança, dentre outras expressões da Arte com a Geografia.

Os diálogos são diversos e de potencialidades ainda não previstas. É um pouco do que tentamos argumentar quando identificamos cinco abordagens, num esforço de síntese, com todas as limitações que os enquadramentos classificatórios contêm; quais seriam: 1) *Geografia humanista, cultural e fenomenológica*; 2) *Geografia e estética literária*; 3) *Literatura e ideologias*; 4) *Reprodução das relações sociais*; e 5) *Geografia, Literatura e Ensino*. (SUZUKI, 2017)

Os 9 artigos que compõem este primeiro número da revista expressam uma riqueza de possibilidades na criação de mediações possíveis entre Geografia, Literatura e Arte, cuja chave de ouro é o texto de Carlos Rodrigues Brandão: “O Sertão Errante: Escritos de viagem lendo *Grande Sertão: Veredas*”, em que poesia, prosa e intertextualidade tecem o discurso com delicadeza e sensibilidade.

O primeiro texto é a narrativa da história de encontros e amores da escritora-geógrafa Liliana Laganá pela Literatura, mas sobretudo pela cidade de São Paulo, cujos sentidos foram sendo criados na trajetória de migrante italiana que se instala e enraíza.

O texto de Carles Carreras i Verdaguer nos fala, também, da cidade e de emoções, mundos possíveis aportados pela Literatura centrada no urbano a partir da seleção da UNESCO de cidades literárias.

A cidade, ainda, está presente nas análises de Adriana Carvalho Silva, aquela por onde caminhou e viveu Machado de Assis, mas também a reconstruiu em suas obras, o Rio de Janeiro, particularmente o seu subúrbio a partir da obra de Dom Casmurro.

Raquel Illescas Bueno nos brinda com uma importante reflexão acerca do Brasil presente nas obras de dois viajantes de olhar profundamente antropológico, Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss, cujos aprendizados foram extremamente importantes para nos dar um retrato do país nas décadas de 1920 e 1930.

Solange T. de Lima Guimarães incursiona pelos caminhos dos ciganos, particularmente os dos espaços topofóbicos do medo construídos nos campos de concentração e extermínio, durante a Segunda Guerra Mundial, em que as incertezas e a morte marcavam suas trajetórias.

Ainda na perspectiva do simbólico e do sensível, Valéria Cristina Pereira da Silva realiza importante reflexão acerca dos imaginários do mundo capturáveis nas artes contemporâneas.

Oswaldo Bueno Amorim Filho realiza um denso debate epistemológico acerca das contribuições do pensamento mulçumano para a Geografia, da importância do Islã medieval para a Geografia dos séculos XVII e XVIII e da presença de um pensamento, ao menos pré-científico, em o *Kitab de Idrisi* e a *Rihla de Battuta*.

Cláudio Benito Oliveira Ferraz, com base na obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, incursiona pelos meandros do cotidiano e sentimentos presentes nos territórios da vida, nas paisagens dos imaginários.

O texto de Gisele Girardi, com necessária preocupação educacional, centra-se no debate da arte presente na cartografia escolar, em que estética e história são fundamentos de sua análise.

Por fim, ainda, para não deixar de falar de Arte, Literatura e cidade, Júlio César Suzuki apresenta a obra de Márcia Metran de Mello, *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*, resultante de sua tese de doutorado em que, a partir de crônicas sobre a jovem capital de Goiás, se misturam a Arte, nas feições arquitetônicas, e as palavras que constroem discursos sobre a cidade.

É, então, a partir da enorme riqueza destes textos, presentes no primeiro número da revista *Geografia, Literatura e Arte*, que convidamos o leitor a participar da empreitada de aprofundar mediações possíveis em caminhos impensados ou ainda pouco trilhados.

A tarefa pode ser árdua, mas o prazer é o do deslumbramento com a descoberta e o da compreensão do mundo. Tenham uma ótima leitura!

REFERÊNCIAS

ÀNGEL PUIG-SAMPER, Miguel; REBOK, Sandra. Introducción: Alejandro de Humboldt y los *Cuadros de la Naturaleza*. In: HUMBOLDT, Alejandro de. *Cuadros de la Naturaleza*. Tradução de Bernardo Giner de los Ríos. Madri: Catarata, p.13-38, 2003.

BROSSEAU, Marc. *Des romans-géographes*. Paris: L'Harmattan, 1996.

FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. *A percepção geográfica da paisagem dos gerais no Grande Sertão: Veredas*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas: Universidade Estadual Paulista, 1990.

MONBEIG, Pierre. *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Martins, 1940.

MOTA, Mauro. *Geografia Literária*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. *Boletim Geográfico*, v.VII, n.76, p.327-332, jul.1949.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n.5, p.129-147, set.2017.

Recebido em 10/12/2017.

Aceito em 14/12/2017.

Publicado em 02/01/2018.